

AS EXPERIÊNCIAS COM OS SURDOS

Fátima Rosa*

A experiência aqui relatada é do trabalho realizado com a turma da pré-escola, no decorrer de 1998 a 1999, envolvendo crianças de 4 a 8 anos de idade, deficientes auditivas, algumas delas oriundas de experiências do convívio familiar e algumas que haviam freqüentado a estimulação precoce – trabalho desenvolvido com crianças de até 3 anos, visando propiciar o desenvolvimento integral do aluno, enfatizando o estímulo do resíduo auditivo na Escola Municipal José Américo Lomeu Bastos, em anos anteriores.

A experiência foi desenvolver instrumentos da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), estabelecidas como a língua materna dos surdos (língua 1), capacitando-os para desenvolver, a princípio, a socialização, a integração com os demais colegas, professores e demais profissionais da escola, assim como favorecendo a exploração e a aquisição dos símbolos da 2ª língua (língua 2), que, nesse caso, é a língua portuguesa e demais conteúdos pertinentes a essa escolarização.

O trabalho, a princípio, começou a ser desenvolvido com cinco alunos: José Maria (3 anos), Luiz (3 anos), Paulo Henrique (5 anos), Vilma (5 anos) e Celma (6 anos). No mesmo ano, veio integrar o grupo Zenilda (5 anos), e, no ano de 1999, Luiz Antônio (5 anos) e Hércules (7 anos), totalizando, ao final, oito alunos, número máximo estabelecido para uma turma de surdos.

Desses alunos, cinco tiveram experiência na estimulação precoce; um veio do universo familiar e, além da surdez, apresentava problema de visão, já tendo sofrido uma cirurgia na retina; um outro veio morar em Angra, tendo sido antes atendido na estimulação do Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES) e em uma clínica de tratamento audiófonatório e o último veio do Espírito Santo e, segundo a mãe, estudou durante alguns meses em uma instituição da Pestalozzi daquela localidade.

O princípio do trabalho foi caracterizado pelo desencontro de idades, experiências, perspectivas, assim como um grau de “agressividade” grande, caracterizado na turma, principalmente, em um aluno que agredia fisicamente os colegas, professora, e a si próprio.

No início, precisei ir identificando as diferenças e semelhanças dos alunos, assim como o que faltava, como por exemplo, o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais,

Professora do Município de Angra dos Reis, com Estudos adicionais realizados no INES. Monografia apresentada no Curso de Especialização Construção do Conhecimento e Currículo - UFF (Angra dos Reis).

e a necessidade de gostar da escola, das atividades, dos colegas, de todos os profissionais desse cotidiano, para construir com eles, para que essas diferenças não fossem obstáculos, mas sim uma condição.

Vygotski (1993) aponta que:

“Todas as funções do desenvolvimento da criança aparecem duas vezes ou em dois planos. Primeiro aparece no plano psicológico, primeiro entre as pessoas (interpsicológico) e depois no interior das crianças (intrapicológico)” (p. 64).

De tudo o que observei e detectei, lembrei-me da experiência que havia vivenciado com a primeira turma de surdos do município de Angra dos Reis, de 1990 a 1992, em uma sala cedida no Colégio Estadual Arthur Vargas, na qual o objetivo era o aprendizado da língua de sinais e o desenvolvimento do processo de alfabetização na Língua Portuguesa baseado na Filosofia da Comunicação Total.

Uma proposta educacional cujos critérios básicos se constroem a partir de uma visão do surdo como pessoa, em quem não se pode isolar uma privação sensorial; a partir de uma conceituação de pessoa-que-não-ouve como portador de uma diferença; a partir de um entendimento do surdo como alguém que, como tal, será aceito e, portanto, respeitado em suas necessidades e capacidades.

Eram os seis primeiros alunos surdos (5 a 16 anos) do município de Angra dos Reis e cada um estabelecia códigos particulares de comunicação com os familiares, principalmente a mãe (ex.: apontar o dedo para o objeto (caneca) entendia-se que queria água; ou cama, para dormir).

O universo desses alunos era exatamente o cotidiano e a satisfação das necessidades desse cotidiano.

Sentia-me insegura, esta era praticamente a minha primeira experiência profissional, mas continuei oportunizando a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) à turma. Lembro-me que, nos meados do mês de maio de 1990, lá estava trabalhando com a turma (a turma começou a funcionar em abril de 1990) pronomes diversos, nomes diversos e verbos diversos e Ernani teve uma reação de quem estava confuso e muito nervoso. Ele ignorou a Língua de Sinais, cruzou os braços e queria muito ir embora para casa. Contornada a situação e refletindo sobre o que aconteceu, percebi que o aprendizado está relacionado com interesse, afinidade, significado de construções contextualizadas. Passei a investigar mais sobre o universo familiar de cada um deles, o que era vivenciado, o que era significado e, a partir desse momento, fui introduzindo propostas mais próximas de suas vivências e, posteriormente, foi possível tornar mais complexa, assim como desenvolver, a Língua Portuguesa (processo de alfabetização).

E é nesse contexto que Paulo Freire (1987) escreve:

“Daí que, para esta concepção como prática da liberdade, a sua dialogicidade começa, não quando o educador – educando se encontra com os educando-educadores em uma situação pedagógica, mas antes quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes. Esta inquietação em torno do conteúdo do diálogo é a inquietação em torno do conteúdo programático da educação. (pág. 84)”

Hoje, ao relatar essa experiência, percebo que o aprendizado da chamada língua materna, isto é, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) por esses alunos possibilitaram não só a Ernani como aos seus colegas de classe a ampliação da comunicação de um mundo restrito para o universo da comunicação mais amplo, cheio de possibilidades e alternativas, assim como o aprendizado da Língua Portuguesa (língua dois) os aproximou cada vez mais de um contexto de total possibilidade de atuarem como protagonistas de suas próprias vidas. (Ernani hoje é monitor de surdos da LIBRAS para a classe de Surdos da Escola Municipal Professor José Américo Lomeu Bastos, juntamente com outro colega da primeira classe de 1990, Glayson).

De volta ao ano de 1998, essas lembranças fizeram-me organizar os trabalhos baseados no grupo que tinha e não no que era ideal. Até mesmo porque o ideal era o gosto, a compreensão, o entendimento, o aprendizado por tudo o que eu e eles iríamos vivenciar naqueles dois anos.

Foi um princípio penoso, que foi criando sentido no desenrolar do trabalho em que fui mostrando, esclarecendo passo a passo qual a importância de cada atividade que faziam na escola para as suas vidas. A aquisição da LIBRAS foi sendo possível porque, a cada necessidade do aluno, tudo era minimamente explicado para que a contextualidade fosse ampliando sua competência para melhor investigar e conhecer o mundo que os rodeava e, principalmente, a relação de “agressividade” foi sendo substituída por relações de compreensão, atenção e entendimento, o que favoreceu e muito as desmistificações das diferenças na turma, proporcionando um ambiente de melhor entendimento do que era necessário ser desenvolvido na pré-escola.

A turma tornou-se um sucesso. E hoje a professora atual, Maria Aparecida, confirma para toda a escola que os alunos estão desenvolvendo e muito os seus aprendizados.

Referências Bibliográficas

- BOCAYUVA, P.C. Cunha e VEIGA, Sandra M. Características do modelo de desenvolvimento brasileiro. In BOCAYUVA, P.C. Cunha e VEIGA, S. Mayrink (orgs). *Afinal, que país é este?* RJ: DP&A, ed., 1999, p. 11-27.
- , Ciclo de Formação Proposta Político-Pedagógica da Escola Cidadã. *Cadernos Pedagógicos*, Porto Alegre. Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, 1996. P. 37.

- CICCONE, Marta. *Comunicação Total. Introdução Estratégica à pessoa Surda*, RJ: Cultura Médica, ed. 1990, p. 6-8.
- FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo*. RJ: Paz e Terra, 1994, p. 15.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. RJ: Paz e Terra, 1987, p. 84.
- SANTOMÉ, J.T. As culturas negadas e silenciadas no currículo, In Silva T.T. da, *Alienígenas na sala de aula. Uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, Vozes, 1994.
- SILVA, Alexandre Batista. Currículo: para que te quero? In *Revista do SEPE*, RJ: ano 1, nº 1, nov, 1998. P. 11-13.
- VIGOTSKY, Lev S.A. *A formação social da mente*. SP: Martins Fontes ed., 1993.